

---

## Mulheres que Ficam, Travestis que Voam: Perspectivas e Territórios da Prostituição no Bairro do Butantã em São Paulo

*Women that stay, Travestite that flies: perspectives and territories of  
prostitution in Butantã district in São Paulo*

**Júlio César Ferreira de Oliveira e Sabrina Andre Damasceno**

---



**Edição electrónica**

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/7454>

DOI: 10.4000/pontourbe.7454

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

Júlio César Ferreira de Oliveira e Sabrina Andre Damasceno, «Mulheres que Ficam, Travestis que Voam: Perspectivas e Territórios da Prostituição no Bairro do Butantã em São Paulo», *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 28 juin 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7454> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7454>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Mulheres que Ficam, Travestis que Voam: Perspectivas e Territórios da Prostituição no Bairro do Butantã em São Paulo

*Women that stay, Travestite that flies: perspectives and territories of prostitution in Butantã district in São Paulo*

Júlio César Ferreira de Oliveira e Sabrina Andre Damasceno

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 20/02/2019

Aceitação / Accepted 03/08/2019

## Introdução

- 1 Localizado na zona oeste de São Paulo, o distrito do Butantã é um lugar de heterogeneidade social e econômica. É composto por 20 bairros, com 55 mil pessoas<sup>1</sup>, onde existem grandes casarões que ocupam longas esquinas, mas também coabitam moradas não tão suntuosas. O distrito é conhecido por abrigar uma das maiores universidades da América Latina<sup>2</sup> – a Universidade de São Paulo. Neste trabalho delimitamos as investigações para o chamado City Butantã - um dos bairros de maior padrão socioeconômico. Delimitado pela Avenida Vital Brasil e Marginal Pinheiros, o City Butantã abrange uma estação de metrô e é rota de um grande número de veículos, trazendo uma heterogeneidade de pessoas, corpos e trajetórias à região.
- 2 Pensar no Butantã apenas como o território que abrange a Universidade de São Paulo omite as práticas econômicas, culturais e as sociabilidades que se dão naquele espaço,

para além da USP. Posto isso em consideração, desde 2015, um projeto de pesquisa e extensão da Universidade de São Paulo, coordenado pela professora Silvana Nascimento, do Departamento de Antropologia, buscou conhecer os meandros do bairro e seus atores. Aos primeiros olhares sobre o bairro, destacaram-se as pluralidades de atividades presentes neste território. Na região, em torno ao metrô, concentra-se grande quantidade de laborações, em sua maioria comércios informais, como venda de café e outros alimentos em pequenos estandes. Nos limites do bairro situam-se duas grandes empresas, a empreiteira Odebrecht e a farmacêutica Johnson & Johnson.

- 3 É por embalagens roxas de preservativos jogados ao chão e no contraste que acentuam com o cinza dos prédios repletos de homens engravatados, que uma nova expressão desse território é aberta, dessa vez subversiva e desviante. Território não limitado apenas ao espaço físico em que ocupa, mas a uma circulação de pessoas, trajetórias e identidades que não foram projetadas para ocupar aquele ambiente e que precisam ser questionadas. De tais elementos destoantes, uma profissão específica demarca presença fatidicamente: a prostituição<sup>3</sup>.
- 4 Como em diversos centros urbanos, o bairro do City Butantã é a pista de muitas mulheres<sup>4</sup> e travestis<sup>5</sup> que trabalham com o sexo. Para quem visita as principais vias do bairro, pode ser que a atividade não seja notada, isto porque essas profissionais encontram-se em locais mais afastados e estrategicamente localizados. Dito de outra forma, as trabalhadoras sexuais localizam-se em lugares de grande circulação, majoritariamente de veículos, o que não faz, no entanto, que estejam expostas aos olhos do grande público. Dispostas à beira da Marginal Pinheiros, por exemplo, elas posicionam-se visíveis aos olhos de seus possíveis clientes, mas longe de pedestres, transeuntes e daqueles que não são negociantes do serviço que estão vendendo - sexo. Giddens (1993) afirma que a história das sociedades modernas “é uma história das buscas sexuais dos homens, mantidas separadas de suas identidades públicas” (p.11), desse modo, a discricção é parte fundamental do trabalho das prostitutas, tanto por questões pessoais - a ocupação laboral como segredo para a família -, quanto como uma demanda por parte dos homens que contratam seus serviços e não podem ou não querem ter suas imagens associadas à figura da *puta*.
- 5 A constância pelos espaços de prostituição do bairro mostrou nuances não reconhecidas anteriormente. No Butantã, mulheres e travestis dividem o território, literalmente: a rua Valdemar Ferreira é uma divisória implícita neste espaço. A presença das “mulheres” nestas ruas é antiga em relação à presença das travestis. De acordo com as mulheres mais antigas do bairro, isto é, as que estão neste mesmo ponto há mais de trinta anos, a presença das travestis é, de fato, mais recente, sendo a diversificação creditada ao metrô que favorece a circulação de trabalhadoras. Para algumas delas, como Amarílis, a presença do metrô só trouxe coisas ruins, isto porque, antes dele, o bairro era de mais “alto nível” - a facilidade de acesso trouxe corpos indesejados àquele espaço, como as travestis.
- 6 Numa abordagem etnográfica, com incursões em campo nos territórios de prostituição, tivemos por fim a inserção no ambiente de nossas interlocutoras em busca de um entendimento intrínseco. Estar nas ruas junto às travestis e mulheres que prestam serviço sexual, descobrindo seus horários de movimentação em conversas informais sobre seus trajetos subjetivos e territoriais pela cidade, país e mundo foram partes que possibilitaram a construção dessa pesquisa. Em duplas ou trios de pesquisadores, nos

aproximamos de travestis e mulheres de 16 a 55 anos. Na medida em que as mulheres circulam por diferentes pontos de São Paulo e região metropolitana, as travestis partem de diversas regiões do Brasil, especialmente de cidades das regiões Norte e Nordeste, na busca por explorar tantas outras.

- 7 Neste presente trabalho, os escopos miram-se na tentativa de descrever a relação de mulheres e travestis com o território do City Butantã, como esta área é ocupada desde longínqua data por mulheres, e no caso das travestis, em temporadas periódicas. Neste território, as calçadas apresentam-se como espaços de grande sociabilidade, em que são fincadas raízes e bases para florescer novos sonhos, horizontes e conquistas de espaço. Argumentamos que, no período em que passamos em campo, de 2015 a 2018, a oferta de mulheres e travestis que vendem sexo diminuiu em novos corolários do conflito entre moradores de uso “legítimo” do território e trabalhadoras sexuais. De um lado, travestis que usam o espaço como parada intermediária na visão da Europa “como o El Dorado estava para os conquistadores espanhóis do Novo Mundo” (KULICK, 1998: 180). Do outro, mulheres que se fixam ao Butantã conciliando suas vidas de mães e prostitutas.
- 8 As mulheres que estão no bairro há tantos anos e as travestis, que por hora o ocupam, estão quase incorporadas à paisagem urbana. Tornam-se parte constituinte do bairro, desenvolvem uma relação com os transeuntes, moradores mais próximos, empresas e pequenos comerciantes, ainda que marcada em tensão. Ocupam o asfalto lado a lado com carros que estão de passagem e são potenciais clientes.

## Duas perspectivas de Butantã: das putas que ficam e das travas que voam

- 9 A prostituição é o fator que conecta travestis e mulheres que atuam prestando serviços sexuais com empresários de multinacionais, moradores de condomínios de luxo e adeptos de movimentos de “bons costumes” no Butantã. As conexões estreitas entre indivíduos e coletivos tão socialmente divergentes acabam por gerar tensões e disputas pelo território, resultando na expulsão do elo mais fraco deste certame - as trabalhadoras sexuais. É por meio de agressões físicas, verbais e da ocupação privada do espaço público que tais corpos são retirados das ruas e a suposta “moral familiar” pode reinar novamente. É nesse território de muros, grades e seguranças uniformizados que travestis e mulheres elevam a diversificação de uma paisagem monótona e cinza - são “prostitutas, que dão cor, cheiro e sons a um espaço, aparentemente, árido” (NASCIMENTO, 2018: 12). Ali encontrava-se tanto o babado das ruas, quanto o medo desta ser a última noite na marginal.
- 10 Há certas moralidades que acompanham o discurso das mulheres. Ainda que sejam trabalhadoras do sexo, um serviço rotulado de imoral para o senso comum e que ultrapassa o limite do aceitável como uma atividade laboral, são mulheres e estão ali para fazer um trabalho distinto. Ao contrário está a imagem travesti, figura de alteridade, antagonista, em que pesa o imaginário do roubo premeditado.
- 11 Entre as mulheres, a imagem da criminalidade não é instintivamente associada, já que comumente permanecem no mesmo ponto por no mínimo dois anos. São mulheres que tem raízes mais duradouras com o bairro, como Camélia, que chegou à região do Jóquei Clube, há mais de trinta anos. Muito próximo à Avenida Valdemar Ferreira, o

hipódromo era sinônimo de requinte, frequentado pela alta sociedade paulistana, onde mulheres como Camélia, faziam das imediações seus pontos de trabalho. Com o passar dos anos, essas mulheres envelhecem junto e com o espaço que ocupam, no entanto, não tem o mesmo ganho monetário de anteriormente. Semelhante à Camélia, Violeta está no Butantã há mais de trinta anos, relatando dificuldades por diversas vezes que retornamos a campo - movimentos fracos, ora tinha feito um programa, ora, nenhum. Tais mulheres arquitetam malabarismos para manter sua ocupação oculta, deslocam-se de diferentes pontos da Grande São Paulo com destino ao Butantã, sem romper seus laços familiares: são mães, avós, esposas e donas de casa. É desse modo, que a mulher prostituta possui uma dupla carreira (FONSECA, 1996) mãe *versus* puta, como se vida familiar e carreira fossem ontologicamente distintas e ainda assim, ligadas pelo ganho econômico.

- 12 Sob diferente perspectiva, encontram-se as travestis, geralmente recém-chegadas ao território e que pouco permanecem nele. Aproximando-se de seus mundos nas calçadas, as falas de ser estreada na área ou de estar de partida para outra, não mais encontrando-as no mesmo ponto, foram ouvidas diversas vezes - mostrando o nomadismo presente na vivência trans. Na alternância por diferentes áreas de São Paulo, a rotatividade mostra-se ser também interestadual e de passagem por fronteiras internacionais. Na exploração de novos territórios, tornam-se possíveis outras redes de sociabilidade e de (re)aproximações afetivas, no cerne de investir em projetos de mobilidade social e feminilizar o próprio corpo em lojas e consultórios na construção da pessoa travesti - uma identidade cosmopolita em constante deslocamento.
- 13 Para as mulheres, a figura policial é a principal consequência quando havia rupturas da "ordem social". O socialmente aceito é rompido quando as moralidades familiares do bairro não eram cumpridas, isto é, uma roupa mais curta, um gesto obscuro encenado, era em nome da lei que muitas dessas mulheres sofriam repressão, eram agredidas, retiradas e impedidas de voltar àquele território. São esses obstáculos que dificultam o trabalho dessas mulheres, como o aumento do patrulhamento policial, afastando assim os clientes, que buscam o anonimato e evitam qualquer aproximação da polícia, a ameaçar esta condição ignota. No entanto, mesmo diante destes reveses, as mulheres resistem, principalmente as mais antigas no bairro, mulheres na faixa etária dos cinquenta anos, estão há décadas no Butantã, são elas em grande parte mães e avós, não raramente chefes de família e tiram da prostituição o sustento de todos que dela dependem. Em origens de longínqua data resistindo no mesmo espaço e em suas graduais transformações, essas mulheres acabam por estabelecer uma relação de coexistência com os corpos que habitam os arredores, algumas alegam que os moradores as veem como mulheres que tiveram a "infelizmente" sorte de estarem comercializando sexo. Assim como as mulheres descritas por Claudia Fonseca (1996), muitas delas compartilham suas histórias familiares, como Camélia, que comumente divide as narrativas, principalmente sobre o neto. Os filhos não sabem que ela trabalha como prostituta há tantos anos, o mesmo ocorre com grande parte das famílias destas mulheres. Para elas, a prostituição é muitas vezes lida como infortúnio, são vítimas da atividade que exercem e o fato de serem mães e avós tornam-nas altruístas - mulheres que não tiveram quaisquer outras alternativas sendo esta atividade "imoral", ainda assim justificável.
- 14 Figuras de alteridade, as travestis representam um perigo a ser combatido tanto para a dinâmica familiar do bairro quanto para as próprias prostitutas. Há uma hierarquia em

que ocupa o topo a travesti “europeia”<sup>6</sup> ou “top”<sup>7</sup>, geralmente mais bem-aceita pela “passabilidade” que emana, isto é, a possibilidade de ser confundida com uma “mulher de verdade”. Em contraposição, à travesti nordestina com poucas intervenções corporais e que não atingiu a feminilidade em sua plenitude recai o estigma de travesti que rouba e deve ser evitada. Para muitos, a figura da travesti é a grande provocadora de medo e da violência, como foi dito por muitas mulheres e pelas próprias travestis; há muitas que roubam clientes e estes por sua vez, voltam para vingar-se, não sendo esporádicas manchetes jornalísticas que trazem-nas como acusadas de cometerem delitos. A permanência das travestis nos arredores destes lares desencadeia medo e intolerância nos moradores locais. Dentro dessa lógica, eles organizaram o movimento *Butantã Urgente! Por mais Segurança e Tranquilidade*, que, segundo autodescrição, trata-se de “moradores do Butantã que buscam melhorias na infraestrutura e no aumento da força policial de todo o bairro”<sup>8</sup>. Parte das reivindicações dos moradores era o fechamento permanente das ruas do chamado City Butantã, a parte chamada de “nobre” do Butantã, não apenas para os carros, mas também para a circulação de pedestres. Sobretudo, a permanência das prostitutas travestis parte das alegações que elas não sabiam portar-se naquele território familiar, isto porque não raramente expunham camisinhas, seios, e no pior dos casos, a genitália.

- 15 Por consequência, a prostituição em áreas de classe média que mostrava uma clara clivagem de pessoas, acentuou-se em medidas de expulsão e cercamento do espaço público. No combate à prostituição, ruas de condomínios em torno da Marginal Pinheiros foram fechadas<sup>9</sup> com o uso de portões fixos e seguranças que dão acesso unicamente a moradores. Uma medida de reivindicação do espaço na tentativa de dividir explicitamente aqueles que habitam a área dos portões para dentro e aquelas que ocupam as ruas e calçadas, acabando por favorecer os primeiros. Esse movimento de dispersão acabou por alterar territórios utilizados como pontos, dando uma nova dinâmica à permanência na região e ampliando as áreas dos portões que circundam e ditam entrada àqueles que ocupam o espaço como planejado. Para Gayle Rubin (2017), há “classes sexuais desprezadas” (p. 83) e, portanto, excluídas de determinados espaços, onde estão inclusas “transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, profissionais do sexo, como as prostitutas e os modelos pornográficos e, a mais baixa de todas, aquela cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais” (*idem; loc.cit.*). Desse modo, as mulheres e travestis constituem um grupo a ser combatido, indesejadas presenças em território que se preza pelas classes sexuais aceitas, isto é, casais heterossexuais em relação familiar, cujo sexo é feito dentro do matrimônio.
- 16 A genitália à mostra das travestis aparece como um ponto de intersecção para apontar as raízes do incômodo. A incongruência entre um corpo construído em signos que são reconhecidos socialmente como do gênero feminino, como longos cabelos, vestimentas “femininas”, curvas suavizadas, seios detalhadamente esculpido, são contrapostos por um pênis, que dentro desta esfera de significação pertence ao universo masculino. Há uma quebra de significados e expectativas, há quebra do que Judith Butler (2003) denomina de “ordem compulsória de sexo/gênero/desejo”. Nessa perspectiva, o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como é a miríade de “corpos” que constitui o domínio de sujeitos com marcas de gênero” (BUTLER, 2003: 7), no caso, o corpo das travestis que trabalham com sexo, essas marcas de gênero entram em conflito, tornando-as criminosas a serem combatidas. Segundo Joan Scott (1989), no

caso travesti “o gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades.” (p. 4).

- 17 Além da problemática da genitália, a prostituição travesti, diferentemente da prostituição das mulheres, tem objetivos autocentrados: a transformação corporal. Essa busca faz com que elas pouco se fixem ao território, estão em constante trânsito, buscando maior ganho, maior proximidade com a conquista do feminino. Na perspectiva de ganhar dinheiro na prostituição para investir no próprio corpo, estar na Europa e no auge dessa carreira exige ter acesso a processos sem fim que concernem à beleza. Existe um discurso comum de travestis e mulheres trans que relatam ganharem dinheiro nas ruas, mas nunca permanecem financeiramente estáveis por muito tempo, dada a ocorrência de gastos que se geram no fato da prostituição servir como suporte capital para o processo de construir e transformar o corpo. Em um projeto corporal subjetivo, existe uma preocupação em modificar sua corporalidade segundo ideais de uma beleza feminina, sendo bela, atraente e despertando o desejo de homens para o sexo.
- 18 Nos próprios ideais de beleza, utilizar o dinheiro ganho na prostituição na própria imagem envolve paradas em lojas de consumo, consultórios e salões de beleza. Países europeus vistos como glamourosos e finos são pontos de acesso para uma rede de grifes de alta-costura, marcas famosas e tendências, exibindo uma variedade de vestidos que valorizam curvas, casacos de pele, perucas e apliques de cabelo natural, pares de salto alto, bolsas e outros tantos produtos da moda. Outros atrativos para travestis que passam pelo Butantã, no desejado refinamento europeu, dão-se na indústria farmacológica – maquiagens que disfarçam o crescimento de pelos, ressaltando olhos, sobrancelha e boca, perfumes chamativos, cosméticos, esmaltes que dão cor a longas unhas –, bem como em salões de beleza que, como as calçadas, tornam-se espaços de sociabilidade. As rotas Butantã/São Paulo-Europa fortificam-se em sonhos, ambições e ideais de cidadania para territórios que marcam e são marcados pelas travestis.
- 19 Além das conquistas de capital financeiro que são investidas material e fisicamente em seu próprio corpo, travestis também utilizam o dinheiro ganhado na Europa para se aproximarem de suas famílias biológicas. O recorrente uso dos ganhos na prostituição para recuperação afetiva é descrito por Kulick na afirmação de que “os sonhos das travestis consistem, antes de mais nada, na compra da casa própria para a mãe” (KULICK, 2008; p.192).
- 20 A ruptura com os laços familiares ainda na adolescência é um ponto comum na história de muitas travestis, que muitas vezes só são recuperados mediante ajuda financeira. Assumir sua identidade travesti e montar-se com roupas fora da atuação de gênero imposta são partes de quebra do vínculo biológico desde muito cedo – treze, catorze anos. Muitas cicatrizes emocionais marcadas pela não aceitação familiar e pela expulsão da casa dos pais são revisitadas quando se começa a fazer dinheiro na prostituição. O dinheiro ganho nas ruas torna-se um mediador que aproxima travestis de suas famílias no Norte e Nordeste, sobretudo, marcadas diversas vezes, por uma realidade de baixa renda.

## Considerações Finais

- 21 Em suma, observa-se duas distintas trajetórias das trabalhadoras sexuais do Butantã: a das mulheres que ficam e a das travestis que voam. As primeiras, mesmo que não

admitam, acabam encontrando na prostituição sua carreira, tendendo a permanecer no território por anos a fio até que a concorrente “carne fresca” das mulheres mais jovens afastem-nas para lugares mais à margem, com menor possibilidade de ganho. É o caso de Petúnia, uma mulher de cerca de 50 anos que está há décadas no bairro, extraindo da prostituição o dinheiro que custeou a criação de seus filhos e, hoje, tendo dificuldades para conseguir clientes. Em um fim de semana de Carnaval, em que esperávamos um intenso movimento na pista, ela nos relata que

estava tudo muito parado, falou que esse momento do ano era assim, que no Carnaval ficava tudo vazio: algumas meninas viajavam, outras nem iam para lá porque não dava muito dinheiro. Vera não vai viajar no Carnaval por falta de grana. Falou que a situação estava bem complicada pela falta de clientes, tanto que ela havia passado a noite dormindo no hotel e voltara para a rua naquele momento da manhã. O pernoite no hotel é 60, 80 reais para os clientes, mas Vera não é cliente: ela só entrou em um quarto e tirou seu cochilo (algo que faz sem ter de pagar ao hotel). (Relato de campo por Alexandre Martins, em 19/02/2017, no Butantã).

- 22 Por outro lado, as travestis que voam utilizam o Butantã apenas como uma breve pista de pouso em seus percursos de rotatividade. Tendo São Paulo como ponto de refração, prostituir-se para além-Atlântico pode representar o ápice da carreira de travestis que trabalham com sexo. Na perspectiva de fazer dinheiro na Itália, Espanha ou outras partes do Brasil, o Butantã representa um ponto intermediário no sonho, capaz de fornecer a preparação de beleza e vivência para explorar novos territórios e investir o dinheiro ganho em seus corpos e redes de afeto. Tais trajetórias podem ser exemplificadas pela fala de Jasmin, que está há 5 anos no bairro e nesse período,

fica indo e vindo pelo Brasil, passando temporadas em Brasília, Belo Horizonte, São Paulo e outras cidades. Pretende viajar ano que vem para a França. Ela é de Manaus e veio para São Paulo para fazer suas cirurgias de transformação corporal (como colocar próteses de silicone), para poder ser trans (e conseguiu fazer suas almejadas cirurgias aqui). Veio com a dica de amigas e desde então trabalha no Butantã porque ali ela ganha muito bem, os caras que passam ali teriam mais dinheiro que em outros lugares. (Relato de campo por Alexandre Martins, em 09/12/2016, no Butantã).

- 23 Nesse território de inibições impostas, encontra-se tanto travestis que não o tomam como ponto fixo, quanto mulheres que possuem uma ligação territorial de memória e pertencimento, mesmo que forjada na violência e repulsão. Ainda assim, lá estão elas : vinte, trinta anos depois nas mesmas esquinas com suas raízes fincadas ao asfalto, ao passo que as travestis lá apenas fazem escalas, almejando voos maiores, com destino ao tão sonhado feminino.

---

## BIBLIOGRAFIA

BUTLER, Judith. 2003. Problemas de Gênero. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. 2011. Cidade de Muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. 3ª edição, São Paulo, Editora Edusp.



- FONSECA, Claudia. 1996. A dupla carreira da mulher prostituta. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 7.
- FOUCAULT, Michel. 2017. História da Sexualidade: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 4ª edição, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.
- GIDDENS, Anthony. 1993. A Transformação da Intimidade, sexualidade, amor & erotismo nas sociedades moderna; tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da UNESP.
- KULICK, Don. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2008.
- NASCIMENTO, Silvana. Corpografias divergentes: as cidades desejadas e as proibidas nas experiências travestis. (Em prelo)
- RUBIN, Gayle. 2017. Pensando o sexo. In: Políticas do Sexo. Coleção Argonautas. Tradução Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora.
- SCOTT, Joan. 1990. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat & Maria Betânia Ávila. Educação e Realidade, Porto Alegre, 16 (2), pp. 5-22.

## NOTAS

1. <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados\\_demograficos/index.php?p=12758](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758)>.
2. Dados do *World University Rankings 2019*. Disponível em: <[https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2019/world-ranking#!/page/0/length/25/sort\\_by/rank/sort\\_order/asc/cols/stats](https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2019/world-ranking#!/page/0/length/25/sort_by/rank/sort_order/asc/cols/stats)>.
3. A prostituição não é uma categoria necessariamente nativa, há mulheres que não se reconhecem prostitutas, preferindo termos como garota de programa, acompanhante, entre outros. No entanto, a terminologia é aqui utilizada na tentativa de abranger as múltiplas modalidades do mercado do sexo.
4. Nesse presente trabalho, entende-se como “mulher” a autodefinição das trabalhadoras sexuais do Butantã, como forma de distinção entre mulheres transgêneras e cisgêneras. São cisgêneras: pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado socialmente. Por outra via, são pessoas trans as que não estão de acordo com a identidade que lhes foi atribuída no nascimento. Pela categoria “cis” não ser nativa, optamos por referi-las apenas como “mulheres”.
5. Neste artigo, o termo travesti é empregado em consonância à definição de Pelúcio (2005): “ainda que não haja consenso sobre qual o gênero da palavra travesti, entre elas o uso dos artigos, pronomes e substantivos para se autorreferirem ou para tratarem aquelas que lhes são próximas é sempre no feminino”.
6. As travestis consideradas europeias são aquelas que passaram períodos de tempo fora do Brasil, em países como Itália e França, conseguindo algum ganho monetário e êxito em transformação corporal.
7. Segundo Pelúcio (2005), as travestis consideradas tops são aquelas que atingem um grau de feminilidade modelo em suas transformações corporais.

8. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/ButantaUrgente/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/ButantaUrgente/about/?ref=page_internal).

9. Com consenso de mais 70% dos moradores do City Butantã, nove pontos de bloqueio, autorizados pela Prefeitura, foram instalados em seis ruas da região na justificativa de impedir que a prostituição e crimes ocorram nas adjacências de seus condomínios.

---

## RESUMOS

O bairro do Butantã, localizado na zona oeste de São Paulo, é uma profícua área de atividades laborais, entre elas, a prostituição. Há uma enorme quantidade de mulheres e travestis que fazem do bairro de pista, seu local de trabalho, a grande maioria advinda de locais diferentes da cidade. Essas mulheres e travestis constituem amplas diferenças, a partir das motivações que as trouxeram para aquele local, bem como o modo que essas profissionais do sexo ocupam o território.

The Butantã district, located in the west zone of São Paulo, is a prolific labor activity area, including prostitution. There is a huge number of women and travestite that use the neighborhood as their street, their work location, most of them coming from different places of the city. Those women and travestite, their motivations that brought them to those places, as well as the way those sex workers occupy their territories, have wide differences

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** prostituição, territorio, mulheres, travestis

## AUTORES

**JÚLIO CÉSAR FERREIRA DE OLIVEIRA**

Graduação em Ciências Sociais, USP [julio.cesar.oliveira@usp.br](mailto:julio.cesar.oliveira@usp.br)

**SABRINA ANDRE DAMASCENO**

Graduação em Ciências Sociais, USP [sbrndamasceno@gmail.com](mailto:sbrndamasceno@gmail.com)